2.1 UM PAPA PODE SE DESVIAR DA FÉ?

• 2.1.1 A infalibilidade papal prefigurada pela Cátedra de Moisés
• 2.1.2 Os Evangelhos
• 2.1.3 Os Padres da Igreja
• 2.1.4 São Tomás de Aquino
• 2.1.5 Os Papas

*
* *

Desde a definição do dogma da infalibilidade papal em 1870, os católicos acreditam que um Papa não pode errar quando ensina solenemente uma verdade de fé, mas as opiniões são diversas quanto ao seu ensinamento ordinário. Pode um Papa, infalível em definições solenes, cair em heresia em seus ensinamentos quotidianos, ou a assistência do Espírito Santo faz com que sua fé não pode falhar em *nenhum momento* de seu pontificado?

Na dúvida, é necessário se ater ao que foi acreditado em toda parte e por todos nos tempos antigos, pois a antiguidade não pode ser seduzida pela novidade. (*Commonitorium* de San Vicente de Lerins, 434). Que o Papa pode errar na fé é uma tese que surgiu nos tempos modernos sob o impulso de correntes heréticas (Ver capítulo 2.5).

Os teólogos católicos se deixaram conquistar por idéias *novas* e sustentaram que um Papa poderia errar. Logo, *essa novidade é, pelo fato mesmo de ser nova*, não conforme com a doutrina católica *tradicional*. Esta doutrina tradicional encontra-se no Antigo e no Novo Testamento, nos Padres da Igreja, em São Tomás de Aquino e nos escritos dos próprios Papas.

2.1.1 A INFALIBILIDADE PONTIFÍCIA PREFIGURADA PELA CATEDRA DE MOISÉS

Para começar, deixemos claro que não se deve confundir “infalibilidade” com "impecabilidade”[2].

---

[2] Dito isto, todos os papas levaram uma vida correta e até mesmo santa. Alexandre VI Bórgia, apresentado como o mais depravado na história da Igreja, é na realidade inocente dos crimes dos quais é acusado. Há um estudo magistral que reabilita completamente este grande Papa, escrito por Monsenhor Peter De Roo ("***Material for a History of Pope Alexander VI, His Relatives and His Time*".** The Universal Knowledge Foundation, New York, 1924, 5 t.). Este estudo é definitivo porque nunca foi refutado por ninguém desde o seu surgimento. Monsenhor De Roo dedica o primeiro volume à genealogia de os Bórgias para dissipar as confusões mantidas – voluntariamente ou não – pelos historiadores. Trabalhou em documentos contemporâneos: crônicas, biografias e arquivos. Deles se conclui que este papa foi vítima da sua própria generosidade. Seus inimigos políticos – as famílias romanas rivais: Orsini, Colonna, Savelli, Estouteville, etc. - o caluniaram porque ele havia se comprometido a limitar suas ambições. Quando o Cardeal Rodrigo Borgia (futuro Alexandre VI) Ele acolheu seus sobrinhos órfãos, e correram boatos de que eles eram seus filhos ilegítimos..

Os doutores da antiga Sinagoga foram certamente corruptos, mas ainda assim infalíveis. Assim como houve prefigurações de Cristo no Antigo Testamento, houve uma prefiguração da infalibilidade papal. A Cátedra de Pedro é de fato prefigurada pela "Cátedra de Moisés".

A "Cátedra de Moisés" da antiga Sinagoga era infalível. Quando uma questão relevante da religião ou moralidade eram disputada ou não suficientemente clara, os judeus deviam submeter suas diferenças ou dúvidas sobre o veredito da Cátedra de Moisés. A Cátedra de Moisés era um tribunal que resolvia questões religiosas ou morais com autoridade soberana e infalível. Os escribas e fariseus sentados na Cátedra de Moisés interpretavam a Lei, e isso sem qualquer possibilidade de erro.

"Então Jesus falou às multidões e aos seus discípulos e lhes disse: "Os escribas e os fariseus sentaram-se na Cátedra de Moisés. Tudo o que eles vos ordenarem, fazei e guardai; mas não façais como eles, porque eles dizem, mas não fazem. (Porque eles dizem bem o que se deve fazer, mas não o fazem)." (Mateus XXIII, 2-3).

Comentário de São João Crisóstomo (Homilia 71, citado por São Tomás de Aquino em sua Catena Aurea) "A fim de que ninguém possa excusar sua negligência nas boas obras pelos vícios daquele que ensina, o Salvador destruiu esse pretexto ordenando: "Fazei tudo o que vos disserem, ..." etc. porque não é pela sua própria doutrina que eles ensinam, senão pelas verdades divinas com as quais Deus compôs a lei que foi dada a Moisés".

Comentário de Santo Agostinho (*Contra Fausto XVI*, 29): Nestas palavras do Senhor, há duas coisas a observar, em primeiro lugar a honra que presta à doutrina de Moisés, em cuja cátedra o próprios ímpios não podem sentar-se sem serem OBRIGADOS a ensinar o bem, já que os prosélitos se tornaram filhos do inferno não escutando as palavras da lei vindas da boca dos fariseus, mas imitando seu comportamento".

Comentário de Santo Agostinho (*De la doctrina cristiana IV*, 27): "O verdadeiro e o justo podem ser predicados com um coração perverso e hipócrita. Esta cátedra então, que não era deles mas de Moisés, os FORÇAVA a ensinar o bem, mesmo quando eles não o faziam. Eles seguiram suas próprias máximas em sua conduta; porém uma Cátedra que lhes era estranha não lhes permitia ensiná-las... São numerosos aqueles que buscam a justificação de suas desordens na conduta daqueles que são propostos a instruí-los, dizendo a si mesmos e às vezes até gritando em público: "Por que me ordenas o que tu mesmo não faz?" Se chega assim a que eles... desprezam ao mesmo tempo A PALAVRA DE DEUS e o pregador que a predica."

São Francisco de Sales (1576 – 1622) raciocinou assim: se a Cátedra de Moisés já era infalível quando ela ensinava sobre fé ou costumes, com mais forte razão a Cátedra de Pedro não podia errar. Este doutor da Igreja compôs um livro notável sobre a infalibilidade, no qual se pode ler isto: "A Igreja precisa sempre de um confirmador infalível[3] a quem se possa recorrer, um fundamento de que as portas do inferno, e principalmente o erro, não podem confundir, e que seu pastor não pode conduzir os seus filhos ao erro: os sucessores de São Pedro têm então todos os seus mesmos privilégios, que não seguem a pessoa, mas sim a dignidade e o cargo público".

---

[3] O manuscrito original de São Francisco de Sales foi "corrigido" por editores galicanos hostis ao papado, ansiosos de reduzir a infalibilidade papal a nada: "A Igreja sempre precisa de um confirmador infalível" mudou para "...confirmador permanente"!

São Bernardo (*De consideratione*, livro II, c. 8) chama o Papa de outro "Moisés em autoridade: logo, quão grande era a autoridade de Moisés, ninguém ignora, porque ele se senta e julga sobre todas as disputas que havia na cidade e todas as dificuldades que surgiam no serviço de Deus. Portanto, o pastor supremo da Igreja é para nós um juiz competente e suficiente em todas as nossas maiores dificuldades, caso contrário estaríamos em uma situação pior do que este antigo povo que tinha um tribunal ao qual você podia ir para resolver suas dúvidas especialmente em matéria de religião" (São Francisco de Sales: As Controvérsias, Parte III, c. 6 art. 14, em: Obra de São Francisco de Sales, Annecy 1892, vol. 1, pág. 305; a ortografia francesa foi modernizada pelo autores).

São Francisco de Sales (op. cit. p. 307) O sumo sacerdote dos judeus usava no peito um pano quadrado chamado "racional". Sobre este racional estava escrito "doutrina e verdade" (Êxodo XXVIII, 30). "A razão pela qual o sumo sacerdote tinha no peito um racional "a doutrina e a verdade", era sem dúvida… "a verdade de seu juízo" (Deuteronômio XVII, 9)…
"Eu vos imploro**, se na escuridão houvesse luzes de doutrina e perfeições da verdade no peito do padre, para nutrir e afirmar o povo, o que não terá nosso Sumo Sacerdote? De nós, eu digo, que estamos no dia e com o sol alto? O Sumo Sacerdote antigo… presidia à noite, por suas iluminações, e o nosso preside no dia, por suas instruções".**

2.1.2 OS EVANGELHOS

No Antigo Testamento, qualquer um que se recusasse a obedecer ao sumo sacerdote deveria ser executado. "Irás aos sacerdotes, filhos de Levi, e ao juiz que estiver em exercício, e os consultará; e eles resolverão o caso de acordo com a lei...façam conforme a sentença que eles te anunciarem...tenham cuidado em fazer conforme tudo o que eles te ensinarem… não te aparteis da sentença que eles te manifestaram, nem à direita nem à esquerda. Quem, deixando-se levar pela soberbia não escutar o sacerdote estabelecido… a esse será tolhida a vida. (Deuteronômio XVII, 12).

No Novo Testamento, o próprio Jesus Cristo ordena: "Aquele que se recusa a ouvir a Igreja deve ser considerado pagão e publicano" (Mateus XVIII, 17). Esta obrigação tão estrita de obedecer à Igreja implica que a Igreja não pode enganar-se a si própria nem nos enganar. Se Deus nos obriga a escutar o Magistério com confiança e submissão, é porque a Igreja Romana é protegida do erro. "Jesus Cristo instituiu na Igreja um magistério vivo e autêntico, e, ademais, perpétuo… e quis e muito severamente ordenou que os ensinamentos doutrinários desse Magistério fossem recebidos como os seus próprios. (…se o ensinamento da Igreja) pudesse de alguma maneira de ser falsa, seguir-se-ia o que é evidentemente absurdo, que o próprio Deus seria o autor do erro dos homens" (**Leão XIII**: encíclica *Satis Cognitum*, 29 de junho de 1896).

*
* *

Nosso Senhor fez uma promessa solene a São Pedro: "Simão, Simão, olha que Satanás os reclamou para sacudi-los como o trigo. Mas eu orei por você, para que sua fé não desfaleça. E tu, uma vez convertido, confirma teus irmãos." (Lucas, XXII, 32). São Pedro recebeu assim a promessa formal de que ele não poderia **jamais** perder a fé. Esta firmeza inabalável era vital para a sobrevivência da Igreja, uma vez que Pedro seria estabelecido como doutor de toda a Igreja, encarregado de confirmar a fé dos seus irmãos e dissipar quaisquer erros que possam surgir no futuro.

Em outra ocasião, o Salvador disse a São Pedro: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mateus, XVI, 18). Alí, novamente o Filho de Deus assegura a Pedro que sua fé seria inabalável, porque ele a equipara à estabilidade imutável de uma pedra.

De acordo com esses dois textos, um Papa *é sempre infalível*. **Pois se um pontífice se desviar da fé mesmo que tenha sido apenas um breve minuto em particular, Cristo teria mentido.** Por outro lado, é truncar o texto para dizer que esta promessa se estende apenas às definições solenes, e não à vida de todos os dias. Se assim fosse, Jesus o teria especificado, Ele que não pronuncia nenhuma palavra aleatória e pesa cada uma delas. Nenhum teólogo ou exegeta tem o direito de estabelecer por seu próprio critério uma restrição mental à palavra do Filho de Deus!

Que o papa (assim como o episcopado) seja assistido quotidianamente pelo Espírito Santo surge ainda com mais nitidez de outra promessa de Nosso Senhor: "Ide e ensinai todas as nações…Eu estarei com vocês **TODOS OS DIAS** até o fim dos tempos" (Mateus, XXVIII. 19-20).

A Igreja docente (papa mais os bispos) conta com a assistência *permanente* do Espírito Santo. "Se vós me amais, observarão meus mandamentos, e Eu rogarei ao Pai, e Ele lhes dará outro Defensor para que permaneça **ETERNAMENTE** convosco. É o Espírito da Verdade" (João XIV, 15-17).

2.1.3 OS PADRES DA IGREJA

Santo Irineu de Lyon (cerca de 130-208) glorifica: "A Igreja muito grande, muito antiga e muito conhecida de todos, que os dois gloriosos apóstolos Pedro e Paulo fundaram e estabeleceram em Roma… A tradição que ela tem dos Apóstolos e a fé que ela anuncia aos homens vieram até nós pela sucessão de bispos… Com esta Igreja, em razão da sua origem tão excelente, deve necessariamente concordar toda a Igreja, isto é, os fiéis em todos os lugares" (Contra as Heresias III, 3, 2). Santo Irineu prescrevia logo aos fiéis que alinhassem a sua fé com a do pontífice romano, porque este transmitia intacta a tradição vinda dos apóstolos.

São Cipriano (cerca de 200 – 258) defendeu a autoridade papal e a infalibilidade em seu famoso tratado *Sobre a Unidade da Igreja* . "Aquele que não guarda a unidade da Igreja, crê que guarda a fé? Aquele que se opõe à Igreja, que abandona a cátedra de Pedro sobre a qual a Igreja está fundada, pode se gabar de ainda estar dentro da Igreja? (*De unitate Ecclesiae*, c. 4). **"A Cátedra de Pedro é esta Igreja principal de onde sai a unidade sacerdotal, junto à qual o erro não pode ter acesso"** (Carta 40 e 55).

Santo Atanásio (295-373) se serviu de uma carta de um papa para lutar contra os hereges arianos. O Papa São Dionísio escreveu, por volta do ano 260, uma carta doutrinal a Dionísio, bispo de Alexandria, onde ele condena a heresia dos sabelianos, que foi retomada mais tarde pelos arianos. É por isso que Santo Atanásio repreende os arianos por já terem sido condenados fazia muito tempo por um juízo definitivo, o que prova que ele acreditava na infalibilidade papal (*De sententia Dionysii*). Numa carta a Félix, escreveu esta frase memorável: "**A Igreja Romana preserva sempre a verdadeira doutrina sobre Deus**".

Santo Efrém (300-373), o grande doutor da Igreja Siríaca, celebra a magnificência do ensinamento pontifício, *continuamente* assistido pelo Espírito Santo: "Ave, ó sal da terra, sal que jamais pode perder o sabor! Saúde ou luz do mundo, surgiu do Oriente e resplandecente em toda parte, que ilumina aqueles que estavam agoniados pela escuridão e que arde sempre sem ser renovada, esta luz é Cristo; seu candelabro é Pedro, a fonte de seu azeite, é o Espírito Santo." (*Enconium in Petrum et Paulum et Andream*, etc.)

Santo Epifânio (c. 315-403) interpreta Mateus XVI, 18. Ele afirma que era impossível que a Igreja Romana fosse derrotada pelas portas do inferno, isto é, pelas heresias, porque ela estava apoiada sobre a fé sólida de Pedro, junto de quem se encontrava a boa resposta para todas as questões doutrinárias. "A Pedro, o Pai revela o seu próprio Filho, e é por isso que ele é chamado bem-aventurado. Pedro por sua vez manifesta o Espírito Santo (no seu discurso aos judeus, no dia de Pentecostes), como convinha àquele que era o primeiro entre os apóstolos, àquele que era a pedra inabalável sobre a qual a Igreja de Deus se fundamenta e contra a qual as portas do inferno não prevalecerão. Por essas portas do inferno devem ser entendidas as heresias e os autores das heresias. De todo modo, a fé está sólidamente fundamentada nele: ele recebeu as chaves do céu, ele liga e desliga no na terra e no céu. Nele se resolvem as questões mais difíceis da fé". (Anchoratus C. 9).

São Basílio (329 – 379) informa seu amigo Santo Atanásio que tinha a intenção de pedir ao pontífice de exercer sua autoridade para exterminar a heresia de Marcel d'Ancyre (*carta 69*). "A carta de São Basílio, que menciona este pedido de intervenção do Bispo de Roma como um assunto corrente e ordinário, leva a concluir que nesta época não era apenas a convicção pessoal de Basílio, mas também a convicção de todos, mesmo no Oriente, de que o Bispo de Roma possui o poder de julgar soberanamente por sí mesmo, as questões doutrinárias" (Vacant e Mangenot: *Dicionário de Teologia Católica*, artigo "infalibilidade do papa").
Por que consultar Roma e não outra autoridade? "Pedro", diz São Basílio, "foi encarregado de formar e ordenar a Igreja, porque ele brilhava na fé". (*Contra Enom*, livro 2). Graças à promessa de Cristo, o Papa perseverava absolutamente sem nenhuma fraqueza, pois sua fé tinha a mesma estabilidade que aquela do próprio Filho de Deus! "Pedro foi posto para ser o fundamento. Ele havia dito a Jesus Cristo: Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo", e por sua vez foi-lhe dito que ele era Pedro, embora não fosse uma pedra imóvel, senão que somente pela vontade de Jesus Cristo-Deus comunica aos homens suas próprias dignidades. Ele é pai e ele faz os pais; Ele é pedra e dá a qualidade de pedra, fazendo assim participar a seus servidores participem do que lhe é próprio" (*Homilia* 29). Esta última passagem de São Basílio goza de uma autoridade particular na Igreja Católica, porque foi inserida no catecismo do Concílio de Trento (Explicação da símbolo, seção *Credo in… Ecclesiam*).

São Gregório Nazianzeno (c. 330-390) louva a indefectibilidade da fé romana em um poema. "Quanto ao que é a fé, a Roma antiga, desde o início como hoje, continua felizmente o seu curso e mantém todo o Ocidente nos laços da doutrina que salva" (*Carmen de vita sua*, vers. 268-270).

São Gregório de Nissa (falecido em 394), irmão mais novo de São Basílio, afirma: "A Igreja de Deus tem a sua solidez em Pedro, pois é este quem, a partir da prerrogativa que lhe foi concedida pelo Senhor, é a rocha firme e muito sólida sobre a qual o Salvador construiu a Igreja. (*Laudat. 2 em Santo Estêvão*, perto do final).

Santo Ambrósio (340-397) interpreta a passagem de Lucas XXII, 32, no sentido de que o Senhor confirmou a fé de Pedro com o fim de que ele "imóvel como uma rocha" pudesse sustentar eficazmente o edifício da Igreja (Sermão 5). Em sua glosa sobre o Salmo XL, Ambrósio estabelece uma equação que seria célebre: "Onde está Pedro, aí está a Igreja". Alí onde está a Igreja, alí não está a morte, se não a vida eterna". (*Ennarratio in Psalmun XL*, cap. 19). Ou seja: fora do Papa, não há salvação.

São João Crisóstomo (340-407) é o mais célebre dos Padres gregos. Em razão de seus ensinamentos admiráveis, merece o apelido de "Crisóstomo", ou seja, "boca de ouro", São João Crisóstomo sugere a admirável solidez da fé de Pedro por meio de uma imagem: "Há muitas ondas impetuosas e cruéis tempestades, porém não temo ser submergido, porque estou sobre a pedra. Que o mar se agite furioso, pouco me importa: ele não pode destruir esta pedra incomovível (*Carta 9 a Ciríaco*). Ele insiste na etimologia simbólica do nome do primeiro papa: "São Pedro foi assim chamado, em razão de sua virtude. Deus como que depositou neste nome uma prova da firmeza do apóstolo na fé" (*Quarta Homilia sobre as Mudanças de Nome*).

São Jerónimo (c. 347-420), na sua carta ao Papa Dâmaso, defendia rigorosamente a necessidade de estar unido ao pontífice romano. "Achei que deveria consultar a cátedra de Pedro e esta fé romana louvada por São Paulo (…) Vós sois a luz do mundo, vós sois o sal da terra. Sei que a Igreja está construída sobre esta pedra: quem comer o cordeiro fora desta casa, é um profano." (*Carta 15*). Segundo São Jerônimo, os fiéis podiam seguir com toda segurança os ensinamentos pontifícios, pois a cátedra de Pedro guardava incorruptivelmente a herança da fé: "A Santa Igreja Romana, que permanece sempre sem defeito, assim permanecerá em todos os tempos vindouros firme e imutável no meio dos ataques dos hereges, e isto por uma proteção providencial do Senhor e pela a assistência do bem-aventurado Pedro". (em: Mons. de Ségur: *O Soberano Pontífice*, *in Obras Completas*, Paris 1874, vol. III, pág. 80).

Santo Agostinho (354-430) fez uma interpretação muito pertinente de Lucas XXII, 32. Antes reproduzi-la, recordemos que o Papa Leão XIII, depois de ter avaliado os talentos de cada um dos Padres da Igreja conclui afirmando que "entre todos eles, a palma parece caber a Santo Agostinho (encíclica *Aeterni Patris*, 4 de agosto de 1879). O Bispo de Hipona foi o maior de todos os Padres da Igreja. E ele se pronuncia categoricamente a favor da infalibilidade permanente do Pontífice romano! Aqui está seu texto magistral: "Se, defendendo o livre-arbítrio não segundo a graça de Deus, senão contra ela, você diz que pertence ao livre-arbítrio perseverar ou não no bem, e se alguém persevera, não é por um dom de Deus, senão por um esforço de vontade humana, o que maquinará você para responder a essas palavras do Mestre: "Eu roguei por ti, Pedro, para que a tua fé não te desfaleça?" Ousará dizer que apesar da oração de Cristo para que a fé de Pedro

não falhasse, essa fé teria falhado, no entanto, se Pedro tivesse querido que ela falhasse, isto é, se ele não tivesse querido perseverar até o fim? Como se Pedro tivesse podido querer outra coisa diferente daquilo que Cristo orou para que ele quisesse! Quem ignora que a fé de Pedro deveria perecer, se a sua própria vontade, a vontade à qual ele era fiel, falhava, e que deveria permanecer até o fim, se a vontade permanecesse firme? Mas, porque a vontade é preparada pelo Senhor, a oração de Cristo por ele não poderia ser em vão. Quando Ele rogou por ele para que sua fé não falhasse, o que Ele exigiu em última análise, **senão que ele tenha uma vontade de acreditar perfeitamente livre, firme, invencível e perseverante?** Eis aqui como se defende a liberdade da vontade, segundo a graça, e não contra ela. Pois não é pela sua liberdade que a vontade humana adquire a graça, mas sim pela graça ela adquire sua liberdade, e para perseverar, ela recebe, por outro lado, da graça o dom da estabilidade distinguida e de uma força invencível" (*Da correção e graça*, livro VIII, c. 17).

São Cirilo de Alexandria (380-444), no seu Comentário sobre Lucas (XXII, 32), explica que a expressão "confirma os teus irmãos" significava que Pedro era o mestre e o sustentador daqueles que vieram a Cristo pela fé. Comenta assim mesmo o Evangelho segundo São Mateus. "Depois desta promessa (*Tu es Petrus*…), a Igreja apostólica não contrai nenhuma mancha de todas as seduções da heresia. (São Cirilo, em: Santo Tomás de Aquino: *A Catena Aurea sobre Mateus* XVI, 18).

São Fulgêncio de Ruspe (467-533) constata: O que a Igreja Romana tem e ensina, o universo inteiro crê com ela sem hesitação» (*De incarnatione et gracia Christi*, c. 11).

São Bernardo (1090-1153) foi o último dos Padres da Igreja. Citemos algumas palavras, que servirão de conclusão: "Os ataques dirigidos contra a fé devem ser reparados precisamente por aquele cuja fé não pode ter defeito. É prerrogativa dessa Sé" (*De error Abaelardi*, prefácio).

Nenhum Padre fala da possibilidade (ainda que puramente teórica) de que um Papa possa errar em um só instante. "É principalmente para a explicação da palavra sagrada que eles (os Padres da Igreja) sempre permanecerão nossos mestres. Nenhuma investigação, nenhuma ciência, por profunda que seja, nos dará o que eles tinham então: o mundo tal como Jesus o havia concebido, o mesmo aspecto dos lugares e das coisas, e sobretudo o trato com os fiéis, que, tendo vivido perto dos apóstolos, podiam referir suas instruções. Estas circunstâncias reunidas conferem à autoridade dos Padres um brilho tal, que os teólogos protestantes foram golpeados. Eles admitem "Afaste-se de um sentimento comum entre eles, é uma loucura e um absurdo" (Padre C. Fouard: *A Vida de Nossa Senhor Jesus Cristo*, vigésima sexta edição, Paris, 1920, p. XVI).

Em 13 de novembro de 1564, o Papa Pio IV estabeleceu a obrigação de todo o clero jurar obediência a uma profissão de fé, que dizia, entre outras definições: "Eu sempre interpretarei a escrituras de acordo com o consenso unânime dos Padres."

2.1.4 SÃO TOMÁS DE AQUINO

Santo Tomás de Aquino (1225-1274) é o maior de todos os doutores da Igreja. É chamado de "doutor comum", "doutor angélico" ou "anjo da escola", pela excelência de sua doutrina. Ele foi frequentemente exaltado pelos papas. "Tomás, ele sozinho, iluminou mais a Igreja do que todos os outros doutores. A sua doutrina só poderia ter

surgido de uma ação milagrosa de Deus". (João XXII: bula de canonização). O que ensina pois este doutor, quase tão infalível quanto o Papa?.

O Doutor Angélico é partidário da infalibilidade absoluta e permanente do soberano pontífice:

"A Igreja apostólica (de Pedro), situada acima de todos os bispos, de todos os pastores, de todos os chefes das Igrejas e dos fiéis, permanece pura de todas as seduções e de todos as artifícios dos hereges em seus pontífices, em sua fé sempre íntegra e na autoridade de Pedro. Enquanto as outras igrejas são desonradas pelos erros de certos hereges, só ela reina, apoiada em fundamentos inabaláveis, impondo silêncio e fechando a boca de todos os hereges; e nós (…), confessamos e pregamos em união com ela a regra da verdade e da santa tradição apostólicas" (citação de São Cirilo de Alexandria retomada por São Tomás na sua *Catena Aurea*, em relação ao seu comentário sobre *Mateus* XVI, 18).

Apoiando-se em Lucas XXII, 32, o Doutor Comum ensina que a Igreja não pode errar, porque o Papa não pode errar. "A Igreja universal **não pode errar** porque Aquele que é ouvido em tudo a título da sua dignidade disse a Pedro, sobre a profissão de fé em que se funda a Igreja: «"Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça jamais" (*Suma Teológica*, II-II, q. 1, a. 10).

"Uma vez que as coisas foram decididas pela autoridade da Igreja universal, quem recusaria obstinadamente submeter-se a essa decisão seria herético. Esta autoridade da Igreja reside principalmente no soberano Pontífice. Pois foi dito (*Decret*. XXIV, q. I. c. 1.2): "Todas as vezes em que uma questão de fé é suscitada, penso que todos os nossos irmãos e todos os nossos colegas no episcopado, devem referir-se apenas a Pedro, isto é, à autoridade do seu nome e da sua glória". Nem os Agostinhos, nem os Jerónimos, nem nenhum outro doutor defendeu o seu sentimento contráriamente à sua autoridade. É por isso que São Jerônimo disse ao Papa Dâmaso (*in expo. symbol*.): "Tal é a fé, santíssimo Padre, que aprendemos na Igreja Católica: se em nossa exposição se encontrar algo impreciso ou inseguro, pedimos corrigi-la, Vós que possui a fé e a Sé de Pedro. Porém, se a nossa confissão receber a aprovação do vosso julgamento apostólico, quem quiser me acusar provará que é ignorante ou malicioso, ou que não é católico, mas não provará que eu sou um herege" (*Summa Theologica* II-II. q 11. a. 2).

"É necessário ater-se à sentença do Papa, a quem compete pronunciar-se em matéria de fé, muito mais do que a opinião de todos os sábios" (*Quaestiones quodlibetales* q. 9 a 16)

No *Salmo* XXXIX. 10, está escrito: "Eu anunciei a tua justiça na grande assembleia." Eis aqui o comentário de São Tomás: "O salmista falou "na grande assembleia", isto é, na Igreja Católica, que é grande por seu poder e firmeza: "As portas do inferno não prevalecerão contra ela" (*Mateus* XVI, 18)" (São Tomás: *Comentários sobre os Salmos*). Esta "firmeza" , a Igreja deve em primeiro lugar, à fé inabalável do pontífice romano, como é explicado num dos *Opúsculos* do santo doutor:

"A Igreja é Una, Santa, Católica e "firme".

"Quarto, ela *é firme*. Uma casa é firme 1) quando suas fundações são sólidas. O verdadeiro fundamento da Igreja é Cristo (1 *Coríntios* III, 2) e os doze apóstolos (*Apocalipse* XXI, 14). Para sugerir firmeza, Pedro é chamado de rocha. 2) "A firmeza de uma casa também se manifesta quando não pode ser derrubada por uma sacudida. A Igreja não pode ser derrubada nem pelos perseguidores, nem pelas seduções do mundo, nem pelos hereges. Segundo *Mateus*, XVI, 18, as "portas do inferno" (= hereges) podem triunfar sobre esta ou aquela igreja local, mas não contra a Igreja em Roma onde o Papa

reside. "É por esta razão que **somente a Igreja de Pedro (a quem foi atribuída a Itália logo após o envio dos discípulos) permanecerá sempre firme na fé. E enquanto em outra parte a fé não está completa, ou misturada com muitos erros, a Igreja de Pedro, ela é forte na fé e pura de todo erro, o que não é surpreendente, visto que o Senhor disse a Pedro: Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça**" (São Tomás: Opuscula, intitulado *Expositio symboli apostolorum*, passagem relativa ao artigo "Eu creio… na Igreja Católica" do Símbolo dos apóstolos).

O ensinamento do Doutor Angélico pode então ser resumido assim: **A fé do Papa é de uma firmeza absoluta e permanente.**

A doutrina do Doutor Angélico deve ser " mantida religiosamente" (santa) por todos os professores dos seminários (cânon 1366, § 2) ! A Igreja dá a entender por isso o quanto ela julga necessário que os jovens seminaristas (que mais tarde formarão o alto e o baixo clero) sigam o Doutor Comum em tudo.

São Pio X disse: "Afastar-se de São Tomás nunca é isento de grave perigo" (motu proprio *Sacrorum antistitum* 1º de setembro de 1910). E ainda: "Aqueles que se afastam de São Tomás são por isso conduzidos a tal extremo que se afastam da Igreja" (*Carta Delata Nobis*, 17 de novembro de 1907, dirigida ao Padre Thomas Pègues).

2.1.5 OS PAPAS

São Lúcio, papa e mártir (253-254), ensina: "A Igreja Romana, santa e apostólica, é a mãe da todas as Igrejas, e está provado que nunca se desviou do caminho da tradição apostólica, conforme esta promessa que o Senhor mesmo lhe fez, dizendo: "Eu roguei por ti para que tua fé não desfaleça" (*Carta* aos bispos da Gália e da Espanha, n. 6).

Santo Inocêncio I (401 – 417) assemelha a Igreja da cidade de Roma a uma fonte pura de tudo mancha herética, que vivificando as igrejas locais, "como águas que surgem da sua fonte original e que fluem em todas as regiões do mundo através de córregos puros, vindas da fonte não contaminada". (Carta *In requirendis*, 7 de janeiro de 417, dirigida aos bispos do Concílio de Cartago).

São Sisto III (432 – 440) disse que São Pedro "recebeu uma fé pura e completa, **uma fé que não está sujeita a nenhuma controvérsia.**"

São Leão I, o Grande (440 – 461) deixava entender que São Pedro viveu e ensinou através da boca de seus sucessores: "O bem-aventurado Pedro, conservando sempre esta consistência de pedra que ele recebeu, não abandonou o governo da Igreja (…) *se nós fazemos algo de bom, se nós penetramos com precisão nas questões*, (…) é a obra, é o mérito daquele cujo poder vive e cuja autoridade manda em sua Sé" (*In anniversario assumptionis suae*, sermão 3). Pedro e os seus sucessores estavam assegurados de uma correção doutrinária inabalável: "O Messias é anunciado como devendo ser a pedra escolhida, angular, fundamental (*Isaías* XXVIII, 16). É então o seu próprio nome que Jesus dá a Simão, como se lhe dissesse: "Eu sou a pedra inviolável, a pedra angular, que reúne em um duas coisas; Eu sou o fundamento que ninguém pode substituir; mas tú também, tú é pedra, pois a minha força se torna o princípio de tua solidez, de modo que o que era me era próprio e pessoal de meu poder, te torna comum comigo pela participação. (*In anniversario Assunptionis suae*, sermão 4).

Este Papa ainda diz: "**No curso de tantos séculos, nenhuma heresia pôde manchar aqueles que estavam sentados na cadeira de Pedro, pois é o Espírito Santo quem os ensina"** (*Sermão* 98). Os Padres do Concílio de Calcedônia declararam formalmente sobre São Leão: "Deus, em sua Providência escolheu, na pessoa do Romano Pontífice, um atleta invencível, impenetrável por qualquer erro, aquele que vem expor a verdade com a última evidência".

São Gelásio I (492 – 496) dirigiu um decreto aos gregos: "Pedro brilha nesta capital (Roma) pelo poder sublime de sua doutrina, e teve a honra de derramar aqui gloriosamente seu sangue. É aqui que ele repousa para sempre, e que assegura a esta Sé abençoada por ele de não ser jamais vencida pelas portas do inferno" (*Decretal* 14 intitulado *Responsione ad Graecos*).

São Hormidas (514 – 523) redige uma profissão de fé em 11 de agosto de 515, que foi aceita por toda a Igreja, e retomada nos Concílios de Constantinopla IV e Vaticano I. Depois de haver recordado que Cristo havia "construído a Igreja sobre a pedra" contra a qual o inferno não prevaleceria (*Mateus*, XVI, 18), o Papa comenta com segurança: "Esta afirmação se verifica nos fatos, pois a religião católica sempre foi guardada sem mancha na Sé Apostólica."

Santo Agatão (678 – 681) escreveu um texto capital[4] que foi lido e aprovado pelo IV Concílio ecumênico (concílio ecumênico = concílio geral, não confundir com "ecumênico" relativo ao ecumenismo).

São Leão IX (1049 – 1054), depois de haver dito que a Igreja construída sobre Pedro não poderia absolutamente "ser dominada pelas portas do inferno, isto é, pelas disputas heréticas" (cf. *Mateus* XVI, 18) e citando a promessa de Cristo a Pedro (*Lucas* XXII, 32), ele admoesta os cismáticos gregos Miguel Cerulário e Leão de Ácrida em sua carta *In terra pax* de 2 de setembro de 1053: "Será que alguém será bastante louco para ousar pensar que a oração daquele para quem querer é poder possa não ter efeito em um ponto? A Sé do Príncipe dos Apóstolos, a Igreja Romana, não o tem, seja pelo próprio Pedro ou pelos seus sucessores, condenado, refutado e vencido todos os erros dos hereges? Não há confirmado os corações dos irmãos na fé de Pedro, que até agora não há falhado e que até o fim não falhará?

Pio IX (1846 – 1878) afirma em sua elevação ao soberano pontificado (no seu Discurso de Exaltação) que um pai nunca poderia (*nunquam*) se desviar da fé! Ele escreve o mesmo na sua encíclica *Qui pluribus* de 9 de novembro de 1846. Para interpretar as Escrituras, os homens precisam uma autoridade infalível: Pedro, a quem Cristo "prometeu que sua fé não desfalecerá *jamais*".

A Igreja Romana "tem guardado sempre íntegra e inviolável a fé recebida de Cristo Senhor, e a tem ensinado fielmente. Mesma palavra na carta *In suprema Petri* de 6 de janeiro de 1848: "*jamais*". Como na encíclica *Nostis et noviscum* de 8 de dezembro de 1849: "*jamais*".

---

[4] Este texto está reproduzido no Apêndice A deste livro.

Leão XIII (1878 – 1903) reafirmou a antiga crença na encíclica *Satis Cognitum* de 29 de junho de 1896: Jamais um pontífice romano se desviou da fé!. Sua encíclica sobre o Espírito Santo contém um comentário memorável sobre o Evangelho segundo São João. No dia de Pentecostes, "o Espírito Santo começa a produzir seus auxílios no corpo místico de Cristo. Assim se realizava a última promessa de Cristo aos seus apóstolos, relativa ao envio do Espírito Santo (…): "Quando este Espírito de Verdade vier, vos ensinará toda a verdade" (João XVI, 12). Esta verdade a determina e a dá à Igreja e, por sua presença CONTÍNUA vela para que ela **jamais sucumba** ao erro" (Encíclica *Divinum illud*. 9 Maio de 1897).

São Pio X (1903-1914) ensina: "O primeiro e maior critério da fé , a regra suprema e inquebrantável da ortodoxia é a obediência aos Magistério **SEMPRE** vivente e infalível da Igreja estabelecida por Cristo "a coluna e sustentáculo da verdade" (1 Timóteo III, 15). "(…) São Paulo diz: *Fides ex auditu* – A fé não vem pelos olhos, mas pelos ouvidos", pelo magisterio vivo da Igreja, sociedade visível composta por mestres e por discípulos (…).
O próprio Jesus Cristo precreveu aos seus discípulos escutar as lições dos mestres (…e) disse aos professores: "Ide e ensinai todos as nações. O Espírito da Verdade os ensinará toda a verdade. Eis que Eu estou convosco até a consumação dos séculos" (São Pio X: alocução *Con vera soddisfazione* aos estudantes católicos, 10 de maio de 1909).
"Os filhos fiéis do Papa são aqueles que obedecem à sua **PALAVRA** e o seguem em **TUDO**, não aqueles que estudam os meios para evitar as suas ordens" (discurso aos novos cardeais, 27 Maio de 1914).

O *Dicionário de Teologia Católica* (artigo "infalibilidade do papa") sustenta que o Papa **Inocêncio III** (1198 – 1216) teria se manifestado contra a infalibilidade perpétua do papado. Como prova, o Dicionário cita esta frase: "Principalmente eu tenho necessidade da fé, porque não dependo para todas as outras faltas mais que de Deus; pelas faltas contra a fé, posso ser julgado pela Igreja". Esta passagem poderia ser interpretada no sentido que um Papa pode errar na fé e, consequentemente, ser julgado pela Igreja (um concílio geral, por exemplo). No entanto, vale ressaltar que o *Dicionário de Teologia Católica* cometeu uma falsificação do texto. O procedimento é antigo como o mundo: uma citação é retirada do seu contexto e recebe um significado oposto ao dado pelo autor mesmo. Que leitor se dará ao trabalho de ir até as fontes para verificar! Eis aqui o texto **não amputado**:

"Se eu mesmo não tivesse uma *fé sólida*, como poderia confirmar aos outros na fé?" E essa é uma das partes principais de minhas funções, pois não a dito o Senhor a São Pedro: "Eu roguei por ti para que tua fé não vacile", e: "Uma vez convertido, confirma então a seus irmãos". Ele roga, e foi ouvido em tudo por causa de sua obediência. A féw da Santa Sede nunca vacila em tempos de confusão, senão que permanece sempre firme e inquebrantável, a fim de que o privilégio de São Pedro permaneça inviolável. Porém, precisamente por esta razão eu tenho sobretudo necessidade da fé, porque não dependo para todas as outras faltas mais que de Deus; pelas faltas contra a fé, ao contrário, posso ser julgado pela Igreja". "Tenho a fé e *uma fé constante*, porque ela é apostólica" (Inocêncio III) principal discurso ao povo após sua consagração; Tradução francesa em: J. B. J. Champagnac: *Philippe Auguste y su siglo*, Paris 1847 p. 264).

O *Dicionário de Teologia Católica* (artigo “Infalibilidade Pontifícia”) mentiu ao amputar uma parte do sermão de Inocêncio III. Em outro artigo ("deposição"), o mesmo dicionário peca todavia por omissão, citando uma frase retirada de outro texto de Inocêncio III, sem indicar que, nesse mesmo texto, Inocêncio defende a ortodoxia do papado (“Pedro renegou em palavras, mas não em coração"). É assim que este dicionário disfarça o pensamento de Inocêncio III!

Para não deixar dúvidas sobre o pensamento autêntico deste papa, citaremos outro texto seu. Inocêncio III, depois de ter recordado a promessa feita a São Pedro ("Rezei por você, para que a sua fé não desfaleça"), fez o seguinte comentário: "Nosso Senhor evidentemente implica por suas palavras de que os sucessores de Pedro não se desviarão **EM NENHUM MOMENTO** da fé católica, senão que conduzirão melhor os outros; É por isso que ele lhe concede o poder de confirmar os outros, a fim de impor-lhes a obrigação de obedecer". (Carta Apostólica *Sedis primates* ao Bispo de Constantinopla, 12 de novembro de 1199). Esta passagem é crucial, pois a expressão “em nenhum momento” (*nulo unquam tempore*) torna a tese da infalibilidade perpétua do soberano pontífice absolutamente irrefutável!

2.1.6 CONCLUSÃO

Os evangelistas e os representantes da Tradição (Padres, São Tomás, papas e concílios) clamam unanimemente que o pontífice romano não pode em nenhum momento falhar na fé.

RESUMINDO: Um papa nunca naufragará na Fé porque todos os papas, concílios e Padres da Igreja dizem isso.